

# O sábado para o homem

DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO

**É**a advertência que, em circunstância análoga à do Evangelho (Jo 5.1-16) que estamos lendo nesta terça-feira da quarta semana da Quaresma, em que estou escrevendo — “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Mc. 2.27) — Jesus fez aos fariseus. Numa formulação mais educacional ou, se quizerem, mais escolar, poderíamos traduzir: a disciplina (ou a lei) existe para o homem, não o homem para a disciplina. Assim, a advertência feita há dois mil anos passa a ter um colorido de suma atualidade.

Os jornais estão dando espaço para a chamada disciplina escolar. Os diretores de escola são procurados para entrevistas. E, como é de gosto dos jornalistas, procura-se um diretor tido por progressista e outro tido como tradicional. Este, na linguagem deles, significa entre retrógrado ou reacionário, ou ambas as coisas.

Isso me aconteceu há algum tempo e, novamente, há alguns dias. A repórter parecia inteligente, parecia entender e avaliar bem os problemas, e isto me animou a dar-lhe duas horas de conversa. No seu esquema, é evidente, eu representava o retrógrado (o que nem sempre me desagrada). Das duas horas de conversa, entretanto, chegaram ao jornal apenas duas frases do teor kantiano do “um dever se cumpre mesmo com um coração se despedace”. “Ele (sou eu) defende os seus métodos. A disciplina é fundamental. Deve haver ordem no trabalho e as crianças têm que aprender que há hora para tudo.” Não sei se disse isso. É possível que o tenha dito. Mas num contexto que lhe tirava a rigidez, no qual a disciplina é vista para

o homem, não o homem para a disciplina, isto é, disciplina meio, não fim. Meio para criar condições em vista do aprendizado (este, de algum modo, fim), meio para a grande conquista da liberdade interior (esta, sim, o grande fim da educação, pois o próprio Kant sabe que “o homem só é homem pela educação”; asserção confirmada pelo grande neurologista espanhol, Delgado, que diz: “O homem nasce escravo de seus componentes genéticos e só se torna livre pela educação.”

Disciplina é uma palavra de sentido muito variado. Vem como discípulo e discente, de discere, que significa aprender. Geografia é uma disciplina, o modo de conviver num clube é a sua disciplina, a ajuda imposta coercitivamente para que o recruta ocupe o seu lugar e não crie situações que dificulte um convívio cordial e proveitoso, também é chamada disciplina. E se digo que o fulano é disciplinado é porque vejo nele alguém que conquistou o discernimento dos valores, tornou-se livre, já que não é mais de fora, mas do seu interior, da sua iniciativa que lhe vêm merecer a qualificação. Falando-se, porém, de disciplina escolar pensa-se num conjunto de regras e normas impostas aos alunos e, se for o caso, apoiado em medidas coercitivas. Exigências, como de pontualidade, empenho no estudo, respeito às horas de silêncio, realização dos seus deveres, ter o material de estudo, tudo isso, exigido sob pena de punição, é disciplina. Dirá alguém, para que isso? Direi que existe e precisa existir. Não, contudo, com a sonoridade nazista, como uma “ordem” externa, artificial e injusta, a ser obedecida mesmo com o coração despedaçado. A “ordem” injusta não é ordem, mas desordem, a ordem de uma senzala de escravo é desordem. A disciplina

é, mesmo no caminho, uma prática pacificante, pacificadora do convívio. A paz é a tranquilidade na ordem.

Divulga-se, em nosso tempo e, particularmente, no ambiente escolar, uma falsa e escravizante idéia de liberdade. A chamada “liberdade sem medo”. O medo, realmente, não é um sentimento nobre, nem pode ser tido como coluna da liberdade. Há, porém, uma palavra, cuja raiz está ligada à idéia de temor, mas que, na verdade, envolve duas perspectivas que se complementam na estruturação do homem livre. É a palavra reverência. Reverência é, no primeiro momento, uma tomada de consciência dos próprios limites ou de que eu não sou tudo, nem o centro do mundo. Num segundo momento, é consciência da dignidade do outro, do dever de respeitá-lo como gente e de ter-lhe o apreço devido. Viver como se outro não existisse, como se uma sala de aula pudesse ser vivida com o mesmo jeito que uma mesa de bar ou uma reunião de praia, não é liberdade. Sem essa atmosfera de reverência e respeito pelas pessoas e pelos lugares, não há verdadeira liberdade. Certos psicólogos acreditam que a criança desorganizada ou agitada precisa de um ambiente que não crie embaraços à sua desorganização e à sua agitação. Não só esse ambiente não existe, porque a agitação deste seria constrangimento para o outro, mas, para o próprio hiperativo, a falta do apoio externo de uma disciplina, a princípio meio forçada, o deixaria sumamente desamparado.

Voltemos ao “sábado feito para o homem”. Os fariseus reclamavam do Cristo por ter operado, no sábado, a cura de um paralítico e, mais ainda, por tê-lo mandado tomar o leito e levá-lo. Como carregar um peso, um dia de sábado? A resposta é a que

está em S. Marcos: “sábado foi feito para o homem”, isto é, foi marcado como um dia santificado, para que o homem não se perdesse nas suas distrações ou protelações e acabasse omitindo a consagração de um dia ao Senhor. É apoio, é ajuda. Sei de um colégio que, quando deixou de existir, ordenada pelo poder público, a obrigação de marcar os dias de prova para os alunos, deixou de fazer essa marcação. As provas seriam qualquer dia. O colégio teve de retornar à norma de marcar as provas, como que urgindo a obrigação, porque sem essa data lembrete, muitos não estudavam. O sábado é para o homem, não o homem para o sábado. A disciplina é também para o homem.

São Bento, há 15 séculos, não fundou uma escola, mas fundou um mosteiro, isto é, uma casa para vida em comum. E para essa vida escreveu uma regra. Nela diz, no seu prólogo: “Esperamos não ter estabelecido nada de áspero, nada de pesado, neste regra. Se alguma coisa aparecer mais rigorosa, saiba que foi colocada para emenda dos vícios e conservação da caridade. Não fuja temeroso, pois com o progresso na perfeição, o coração se dilata, e o que era cumprido com dificuldade passa, graças ao coração dilatado, a ser observado com inenarrável doçura da dileção.”

Se a disciplina pode exigir algum aperto no início, ela é feita para o homem. Seu objetivo é não só construir bons hábitos de convivência, que levam a cumpri-la por iniciativa própria, mas para abrir ensejo ao aprendizado e à cultura, que é, no fundo, a conquista da liberdade interior, isto é, do homem livre.

Dom Lourenço de Almeida Prado é reitor do Colégio São Bento.